



Como os professores, os bancários, as donas-de-casa ou qualquer outro grupo de pressão, os donos do jogo do bicho também tem seus candidatos preferidos nestas eleições, a quem dão uma ajuda de valor desconhecido. Os candidatos não falam no assunto, os bicheiros não revelam o valor da ajuda. Mas como toda engrenagem bem azeitada — e o bicho já deu e dá todos os dias provas de sua eficiência — ela tem força econômica e política. Em outros Estados, o jogo elege deputados há anos e, em Brasília, ele tenta a sorte com palpite triplo, o terno.

Brasília, domingo, 2 de novembro de 1986

# Cabra, Gato e Coelho, um "terno" cotado na cabeça



Antonio Alfinito e Nelson Pinho fazem fé em Ivan Kojak para levar adiante a luta pela legalização do jogo e reabertura de cassinos

PELAGIO GONDIM  
Da Editoria de Cidade

Se depender da fezinha que os bicheiros estão fazendo nas eleições de Brasília "vai dar" cabra, gato e coelho na cabeça. Ou seja, no Senado, Tito Figuerôa, do PDT, e Lindberg Aziz Cury, do PMDB; e na Câmara, Ivan Kojak, do PMN. Esse "terno de grupo" já está fechado nos 250 pontos do jogo do bicho espalhados na cidade, com ramificações até mesmo dentro da Papuda. Nesses pontos, os bicheiros apostam nos números 122, 153 e 3337 com um único objetivo: reforçar, no Congresso Nacional, luta pela legalização do jogo do bicho em todo o País.

O palpite foi cercado no final de julho, pouco depois das convenções regionais dos partidos que escolheram os candidatos às eleições. Naquele período, os bicheiros de Brasília só tinham recebido uma recomendação expressa dos banqueiros do bicho carioca, a quem prestam obediência: apoiar o PDT, o partido do governador Leonel Brizola, que liberou o jogo no Rio de Janeiro. Mas eles liberaram, porém, o apoio a candidatos que, independente de partidos, assumissem o compromisso de fechar com a causa dos bicheiros.

A escolha dos candidatos do bicho ficou por conta dos três cabeças do jogo em Brasília: Antônio Alfinito Neto, Nelso Pinho "Farofo" e Manoelzinho. Mas a decisão final coube ao cérebro da organização, o próprio Alfinito — um carioca descendente de italiano, de 61 anos e que, em 1963, montou a primeira banca de bicho em Brasília. Hoje, a poderosa "Rubinho Loterias", uma rede de ponto de bicho em plena expansão, que está em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum, alcançando desde os becos mais imundos da Ceilândia até os reluzentes gabinetes do Palácio do Planalto.

A "Rubinho Loterias" — nome dado em homenagem a um apontador (aquele que preenche as apostas) morto num "acidente de trabalho" — não tem disfarce. Quem joga sabe que ela representa a única organização do jogo do bicho reconhecida em Brasília e pelos banqueiros cariocas. Mas ela não tem um lugar próprio simplesmente porque os bicheiros procuram evitar maiores atritos com a polícia.

É no Cine Centro São Francisco, porém, que está o quartel-general do bicho brasiliense. São duas salas acopladas que receberam o inocente nome de Vila Isabel Imobiliária, homenagem ao tradicional bairro boêmio onde Alfinito nasceu e se fez bicheiro. Lá, de fato, já foram feitas importantes negociações imobiliárias, como a aquisição de lotes em áreas nobres do Lago Sul, onde, aliás, Alfinito mandou fazer uma mansão que é a réplica da Casa Branca, a sede do governo dos Estados Unidos.

Mas hoje, a Vila Isabel, de imobiliária, só tem o nome.

Nas salas, entretanto, não se vê ninguém fazendo uma "fezinha", afinal a intenção é demonstrar que ali é uma séria, respeitável e honesta casa de negócios como tantas outras que existem por aí. Para reforçar essa imagem, atualmente as duas lojas estão comprometidas com as eleições de Brasília. Tanto que funcionam como comitê político dos três candidatos: Tito Figuerôa, Lindberg Aziz Cury e Ivan Kojak.

Eles dificilmente dão as caras por lá. Nem precisam. Os próprios bicheiros se encarregam de espalhar a cara deles por toda a cidade, através dos santinhos e cartazes que imprimem na "Lilinha", uma gráfica que Alfinito possui em Paraguaçu, sul de Minas, onde também são feitos os blocos de apostas da "Rubinho Loterias".

Alfinito garante que, além de alguns carros, essa é a única colaboração material dos bicheiros à campanha de seus candidatos, embora confesse ser muito grande o volume de dinheiro que o jogo movimenta em Brasília. Quanto? Ele não diz. É segredo de estado, ou melhor, de bicheiro.

Mas juntando algumas peças desse quebra-cabeça, é possível se ter uma idéia do dinheiro arrecadado no bicho. Por exemplo: de toda a arrecadação, cada gerente dos 250 pontos fica com 20 por cento, "a maior comissão paga em todo o País", segundo Alfinito. Esse dinheiro dá para os gerentes pagarem os funcionários que trabalham nos pontos ou nas ruas. E a média é de cinco funcionários por ponto.

Os 80 por cento restantes são divididos entre os sócios da "Rubinho Loterias": Alfinito, "Farofo" e Manoelzinho. Mas eles não embolsam toda a grana sem antes honrar os compromissos assumidos na cidade. Nesses casos, sai dinheiro aos tubos para "molhar a mão" dos policiais que garantem a tranquilidade do jogo mas que, mensalmente, prendem dois bicheiros; para o pessoal da burocracia das varas criminais que ajudam a soltar os detidos; e também para as inúmeras instituições, filantrópicas ou não, que auxiliam.

A distribuição do dinheiro arrecadado nos seis jogos semanais (só não tem jogo no domingo) não pára por aí. Parte da bolada é "despejada" para o Rio de Janeiro, isto é, milhões arrecadados em Brasília vão parar na mão de algum banqueiro carioca, que alguns garantem ser o poderoso Castor de Andrade, embora Alfinito não confirme nem desminha.

No final das contas, ainda sobra bastante dinheiro. O suficiente para Alfinito executar projetos pessoais — como a construção, em sua chácara em Brazlândia, de uma pista de corridas de cavalo de 1 mil 200 metros a volta fechada — e políticos — como bancar três candidatos ao mesmo tempo, numa eleição em que o poder econômico é que está danto as cartas.